

Schuma Schumacher

NOs pontos DO preconceito

De: "Érico Vital Brazil" <ericovitalbrazil@globo.com>
Para: "Schuma" <schuma@redeb.org.br>; "Miriam Juvino" <mjuvino@centroin.com.br>
Enviada em: domingo, 30 de janeiro de 2005 15:02
Assunto: aizita, vera couto e vera guerreiro misses negras

Preconceito racial

Sem se preocupar com o discurso politicamente correto, os organizadores do concurso para eleger o padrão de beleza brasileiro costumavam afirmar que o Miss Brasil realizava uma eugenia (apuração da raça) estética. O preconceito racial era tão forte que as candidatas de cor só puderam participar do concurso depois de 1960, quando o concurso havia crescido tanto que foi necessário transferi-lo do Hotel Quintandinha para o Maracanãzinho. Três anos depois, a graça e a beleza de Aizita Nascimento abriria as portas para que outras candidatas negras e mestiças pudessem ter o seu tipo físico valorizado. Em 1964, o Brasil assistia não apenas a mudanças na política, mas também nos valores e nos padrões estéticos. Graças a esse fato, a miss Guanabara, Vera Lúcia Couto, ganhava a preferência do Miss Brasil naquele ano, embora não tivesse levado o título.

Na Bahia, a primeira candidata negra a concorrer e a ganhar o Miss Bahia foi Vera Lúcia Guerreiro. Segundo Dometila Garrido, jornalista que durante o período de 1962 a 1975 organizou o concurso na Bahia, as pressões foram muitas para impedir que uma candidata de cor participasse do evento. "Cheguei a ser atacada por um colunista famoso na época por permitir que Vera concorresse", recorda Dometila. Candidata apoiada pelos bancários, por Odorico Tavares e pela Universidade Federal da Bahia, Vera inaugurou uma tradição que só mais tarde ganharia peso nos concursos de beleza: o nível de escolaridade da candidata, já que a representante era estudante de medicina.

Sucessora da loiríssima Martha Vasconcelos, Vera conta que encontrou muita resistência tanto no concurso local como no brasileiro. Ao receber a faixa e coroa de Martha Vasconcelos, Vera Guerreiro foi vaiada no Balbininho. "No Miss Brasil, era muito grande o preconceito contra os estados do Nordeste. Martha Vasconcelos já havia ganho no ano anterior e isso contava contra mim", diz Vera, lembrando ainda que as intrigas nos bastidores terminavam deixando as concorrentes com os nervos em frangalhos. "No dia do desfile, o meu maiô sumiu e precisei desfilhar com um traje de banho maior que o meu número e todo alinhavado. O meu maquiador foi proibido de entrar e também tive que me maquiar sozinha", pontua Vera. Apesar dos problemas enfrentados, a representante da Bahia era a favorita da imprensa nacional (principalmente da revista O Cruzeiro) e do Presidente Costa e Silva. Em preferência e número de admiradores, Vera Guerreiro só perdia para a Miss Santa Catarina, a hoje atriz Vera Fisher.

Independência financeira

Embora não tenha sido eleita Miss Brasil, Vera Guerreiro ganhou a afeição de todo o país. Com o dinheiro conseguido com os cachês que recebeu para desfilas e fotografar, a estudante de medicina deu entrada em um carro e começou a preparar sua independência financeira. "Apesar da carreira de modelo acenar com propostas muito interessantes, meu objetivo era voltar à Bahia e concluir o meu curso", pontua Vera Guerreiro Harfush, que se tornou uma das maiores referências nacionais na área da ginecologia. A Miss Bahia, até hoje reconhecida pelo título, afirma que durante muito tempo lutou contra os estigmas e preconceitos que vieram com a fama.

Numa sociedade que ainda acredita que beleza e inteligência são incompatíveis, Vera precisou se esforçar o dobro para provar que, por trás do título, havia uma mulher determinada a vencer e a construir uma carreira sólida na área da medicina. Afirmando ter superado as mágoas, Vera hoje garante que o título terminou ajudando muito na sua formação profissional. "Embora na época eu ficasse revoltada com o fato de precisar provar que não era apenas Vera, a miss, e sim dr^a Vera, a médica, as dificuldades serviram para aumentar a minha força de vontade e me tornar uma profissional mais dedicada", completa. Seguindo os passos da Miss Bahia 1969 vieram outras belezas deslumbrantes, que por muito pouco não abocanharam o Miss Brasil. Vide a prima de Vera Harfush, Nathalie Guerreiro (miss 1992) ou ainda a também estudante de medicina (e aluna de Vera na Universidade Federal) Halina Silva, eleita miss Bahia no ano passado.

Em 1986, os longos cabelos negros e os olhos verdes da jovem Morgana Brasil encantaram o país. Embora tenha perdido o título para Dayse Nunes (primeira negra a ganhar o título de Miss Brasil), Morgana também lucrou com o reconhecimento público e a preferência nacional. Mãe de três filhos e com a carreira de artista plástica em pleno desenvolvimento, Morgana fala com saudade daquela experiência, mas alerta que o título não pode ser visto como um trampolim para a profissionalização. "No Brasil, os concursos de beleza perderam a força e sofreram com a deturpação de interesses inescrupulosos. Para alcançar o glamour do passado, os concursos precisariam ganhar apoio e incentivo das grandes empresas de comunicação", avalia a miss. Com uma opinião parecida, Dometila Garrido acredita que se os processos seletivos forem feitos nos moldes londrinos, onde há sempre uma instituição filantrópica beneficiada, o concurso poderia tomar outro cunho e conseguir a mobilização dos anos anteriores. "É preciso mudar esse quadro de apatia do concurso de miss na Bahia e no Brasil. Hoje em dia nem se conhece mais a candidata que representa a beleza do estado", afirma Dometila.